

Sob as árvores

Pinturas de Ana Michaelis

Curadoria de Maria Alice Milliet

Há acontecimentos que mudam a vida das pessoas. Para Ana Michaelis, o contato com a Floresta Amazônica foi determinante: mudou sua pintura. Ela já vinha pintando árvores, tratando-as isoladamente como espécies vegetais num catálogo de plantas. Porém, ao conhecer a pujança da mata tropical que cobre a Região Norte do Brasil, sentiu tal impacto que já não pôde pintá-las solitárias, contidas num espaço ascético, à maneira dos botânicos, que desde o século 19 vêm registrando a flora tropical.

Tomada pela emoção, Ana percebeu que não seria fácil captar a visualidade desse bioma, até porque a floresta manifesta-se intrincada e densa em todos os seus extratos. A mesma dificuldade já havia sido enfrentada pelos românticos ao retratar a mata brasileira. Em suas paisagens, esses pintores tomaram certas liberdades, valendo-se de manchas em diferentes tons para representar a massa de folhas verdes e reservando um tratamento linear e preciso a alguns poucos exemplares que assim se destacavam e ganhavam individualidade. Esse procedimento buscava combinar registros próximos da ilustração científica com princípios estéticos, ou seja, mesclar a objetividade da ciência com a sensibilidade particular do artista.

Desde os viajantes naturalistas que, nos séculos 18 e 19, empreenderam a documentação do ecossistema amazônico e de sua flora específica, o interesse pelo registro da floresta nunca cessou, mesmo porque até hoje são encontradas espécies desconhecidas pela ciência.

Foi em 2023, na reserva particular da Fundação Ecológica Cristalino, a 830 km ao norte de Cuiabá, MT, que Ana penetrou pela primeira vez na mata, uma experiência que a maioria dos brasileiros nunca teve. A reserva confronta com o Parque Estadual Cristalino, que se estende dos municípios de Alta Floresta e Novo Mundo até a divisa com o Pará. A área atravessada pelo rio Cristalino fica na fronteira do chamado “arco do desmatamento”, cercada por fazendas de gado e constantemente ameaçada por focos de incêndio. Reconhecida por sua rica biodiversidade, a floresta ombrófila, perenifólia, apresenta um dossel de até 50 metros de altura e extratos intermediários com árvores de menor porte, como as palmeiras-açaí, além de samambaias, helicônias, bromélias e outras epífitas.

Diante de tal complexidade e grandeza, a artista sentiu-se pequena. Cautelosa, seguiu o guia por uma trilha aberta na mata. Olhou para o alto e viu as copas das árvores, uma cobertura escura de folhas sobrepostas – o chamado “dossel” –, por entre as quais penetra a luz do sol. Essa luz filtrada cria uma atmosfera mágica no interior da floresta. Descendo do alto, os feixes luminosos atravessam o sub-bosque e chegam ao chão. Baixando o olhar, Ana surpreendeu-se com a variedade de líquens aderidos aos troncos

das árvores. O mundo dos micro-organismos encantou-a tanto quanto o das poderosas espécies vegetais, como a castanheira e o jequitibá.

Durante os dias passados na reserva do Cristalino, ela tirou muitas fotografias e fez desenhos rápidos, na tentativa de reter as impressões desse mundo selvagem, tão distante do que conhecia até então. No retorno a São Paulo, e ainda sob forte impacto do que havia experimentado, cancelou compromissos e mudou sua rotina, para se dedicar à pintura do que havia retido dessa imersão. Encomendou oito grandes telas e, sem saber ainda onde iria chegar, mergulhou no trabalho.

Fez primeiro um grande número de monotipias, usando folhas naturais sobrepostas, na tentativa de simular o dossel, e, a partir desses fragmentos, foi compondo, nas telas, recortes do que poderia ser a visão da cobertura da mata. Optou por manter uma paleta extremamente reduzida de branco, preto e cinza, com poucas intervenções de cor. Em sete quadros da série, dispôs núcleos densos e escuros de folhagens, mesclados a segmentos de galhos e folhas estendidos contra um fundo luminoso. Uma única tela contrasta com esse conjunto. Contra um fundo em azul profundo, quase preto, Ana recorreu a manchas e grafismos em gradações de branco e cinza para sugerir a vegetação.

Essa obra em negativo dinamiza a série, que tem, como recurso dominante, o jogo de luz e sombra, sem dúvida a impressão mais forte que a intrincada beleza das copas provoca.

Numa segunda série, Ana deteve-se nas sutilezas do mundo dos líquens. Formações rugosas que resultam da simbiose de dois organismos – os fungos e as algas –, os líquens crescem sobre as cascas dos troncos vivos ou tombados. Para representá-los, recorreu à aquarela sobre papel em tamanho bem reduzido. Nesse grupo predomina uma paleta delicada, composta por verdes acinzentados, castanhos e brancos lavados.

Com essas duas séries – Dossel e Líquens – a artista buscou se ater às dimensões macro e micro do ecossistema florestal, sem contudo pretender a precisão científica, mas, sim, traduzir poeticamente a emoção que a imersão no habitat tropical nela produziu.

Maria Alice Milliet
Curadora